

COMUNICAÇÃO SOCIAL

I

A análise do projecto de declaração sobre os princípios fundamentais que devem orientar o uso dos "mass media" no reforço da paz e da compreensão internacional e no combate à propaganda de guerra, ao racismo e ao "apartheid", bem como o relatório do encontro intergovernamental de técnicos, que teve lugar em Paris, causam uma certa preocupação e perplexidade à delegação portuguesa. } A nossa preocupação deriva da divisão óbvia que se verifica entre os Estados-membros em relação a alguns problemas básicos, pelo que veríamos com grande apreensão a adopção de qualquer declaração que não fosse aceite pelo mais vasto consenso possível. Todos os esforços para alcançar esta meta devem preceder qualquer estratagema apressado ou inexplicado. } Não há dúvida de que todos os Estados-membros se comprometeram a ajudar os "mass media" a desempenhar o seu papel no amplo contexto *da res. 4.111 da XVIII sessão* duma das resoluções da Conferência Geral, no sentido de reforçar a paz e a compreensão internacional e de lutar contra a propaganda de guerra e o racismo. } Mas - e resulta daqui a nossa perplexidade - será possível alcançar esse fim último através de afirmações moralizantes como as que se encontram no projecto de declaração?

É este o motivo por que sentimos a necessidade dum estudo a efectuar num contexto muito mais alargado, que tenha em



conta o ^{espetacular} dramático aumento do volume das operações de "mass media" no mundo de hoje. (...)

MS

É minha convicção que o salto quantitativo verificado levanta a questão duma mudança qualitativa nos métodos de tratamento do assunto. Os "mass media" não podem ser encarados simplesmente em termos do efeito cumulativo dos números de estações emissoras, jornais ou espectadores de televisão. Na verdade, têm de ser tomados em consideração muitos aspectos diferentes deste crescimento numérico. Há ~~por exemplo~~ novos modos de formação do pensamento e das opiniões do indivíduo - "o meio é a mensagem", para citar a fórmula tão amplamente difundida. Há novos tipos de inter-relações entre pessoas e grupos que lêem, ouvem ou assistem aos mesmos acontecimentos, independentemente do lugar em que esses acontecimentos ocorrem. Há novas formas de interacção entre as nações, com desequilíbrios, descontinuidades e distorções recebidas e transmitidas, bem como efeitos de justaposições, misturas e conexões de acontecimentos aparentemente não relacionados uns com os outros.

O tempo limitado de que dispomos não nos permite analisar devidamente estes novos aspectos da questão. Que me seja permitido, no entanto, chamar a atenção para o que a delegação portuguesa considera ser o fulcro do problema. As mudanças qualitativas que se observam nos "mass media" têm sido consideradas por certas fontes científicas como a emergência dum novo poder. Num certo sentido, estamos perante uma revolução com efeitos tão drásticos na vida dos indivíduos e das nações como o foi a revolução industrial que se iniciou na segunda metade do século XVIII. O problema da revolução industrial foi formulado

Fundação Cuidar o Futuro



em termos de poder económico no contexto do poder político. Depressa se viu que a manipulação dos homens por forças económicas não poderia ser regulada por moralizantes declarações de boas intenções. E tiveram assim de ser criados novos mecanismos e por vezes estruturas inteiramente novas.

Com os "mass media", porém, enfrentamos um poder de natureza totalmente nova e diversa. Por tal motivo, as regras que se aplicam às relações entre o poder económico e o poder político não se adequam à análise do novo poder dos "mass media". Este novo poder introduz-se na nossa vida diária e dá forma às nossas opiniões. Num recente artigo do jornal "Le Monde", em que se examinava a influência dos locutores de televisão, perguntava-se ingenuamente: "Porque precisamos nós de ver o noticiário da televisão todas as noites, se já lemos as mesmas notícias nos jornais ou já as ouvimos na rádio?" Que novo mito acorda em nós esta intrusão visual do mundo nas nossas casas através da televisão? O poder dos "mass media" não é necessariamente um poder centralizado. O poder tem muitas facetas - e os países que recentemente viveram uma revolução testemunharam o carácter difuso e descentralizado do poder que, em períodos mais estáveis, parece achar-se firmemente implantado no topo das diferentes pirâmides de tomadas de decisão.

Conhecemos tão pouco sobre este novo poder resultante da tecnologia moderna que não me atrevo a ir mais longe. Mas não tenhamos a ilusão de que seja possível pensar sem descontinuidade acerca das mudanças que se verificaram nos últimos trinta anos. A conhecida antropóloga Margaret Mead chega a afirmar que todos os que nasceram antes da Segunda Guerra Mun-

Fundação Cuidar o Futuro



dial são hoje "imigrantes no tempo". Como imigrantes, não vamos então deduzir falsas certezas da terra - do tempo - que anteriormente habitámos. Como imigrantes, não vamos pretender que as nossas vidas não mudaram e que podemos continuar com os mesmos valores e critérios de antes.

É, portanto, como imigrantes que descobrem uma nova terra, que devemos encarar o papel dos "mass media" e a sua contribuição para a paz. Que eu saiba, muito pouco foi feito para analisar, em larga escala e de forma verdadeiramente científica, este novo poder. Há, assim, todo um novo campo de investigação, de análise interdisciplinar e de interpretação psico-sociológica.

É esta a razão porque a delegação portuguesa pergunta: Poderá a UNESCO aprovar uma declaração sobre o papel dos "mass media, antes de concluir um tal trabalho? Poderá a UNESCO - esta plataforma mundial para o estudo da cultura, da ciência e da educação - ignorar a complexidade subjacente à natureza e ao papel dos "mass media" e pregar, como o fazem algumas associações bem intencionadas, certas normas de comportamento que, em seu parecer, os "mass media" deveriam adoptar?

A delegação portuguesa tem a convicção profunda de que a UNESCO deveria ser pioneira ao empreender o estudo do poder dos "mass media", baseado nas premissas que acabo de mencionar.

Esta - e apenas esta - poderia ser, neste momento, uma actividade digna do papel que a UNESCO tem de desempenhar em situações-chave da cultura de hoje. Esta - e apenas esta - poderia ser a expressão específica da Organização na sua contribuição para o estabelecimento duma nova ordem económica e social internacional no campo dos "mass media" e da função que lhes cabe.



Entretanto, torna-se necessário tomar, de modo pragmático, atitudes que, a seu tempo, darão frutos e farão da declaração sobre o papel dos "mass media" quanto à paz, à cooperação internacional e à luta contra a guerra e o racismo, um documento em harmonia com a realidade. (111)

Na hipótese de haver pressões fortes para a aprovação, num futuro próximo, duma declaração sobre o papel dos "mass media", não quero deixar de fazer algumas perguntas relacionadas com aspectos que se encontram totalmente ausentes do actual texto do projecto.

Por exemplo, serão inofensivos para a paz os "mass media" que, em todas as regiões do mundo, dão prioridade à capacidade de ter e possuir sobre a de ser e viver? Serão inofensivos para a compreensão internacional, numa era planetária, os "mass media" que mantêm uma visão provinciana, senão nacionalista, limitando a mentalidade das pessoas ao seu pequeno canto do mundo? Serão inofensivos para a luta contra a propaganda de guerra ^{alguns} os filmes televisivos, que continuam a ser exibidos em todo o mundo, sobre guerras do passado? Serão inofensivos para a eliminação do racismo os "mass media" que persistem em ignorar os grupos marginais, os membros sem voz dessas sociedades?

Estas perguntas são apenas as mais óbvias. E é bem visível que não só estão ausentes do projecto que temos perante nós, como também parecem ser perguntas moralizantes... Esta é uma indicação clara de que teremos de seguir novo rumo se pretendemos abordar satisfatoriamente o assunto.

E, assim, terminarei esta breve intervenção como comecei. O actual projecto de declaração parece não satisfazer a



finalidade a que se destinava. As rápidas observações que abaixo de formular apontam os motivos principais pelos quais reputamos inadequado este projecto.

Sugerimos, pois, que a discussão e a adopção duma declaração sobre o papel dos "mass media" no reforço da paz e da cooperação internacional sejam adiadas até nova Conferência Geral. Mas, acima de tudo, sugerimos que sejam tomadas as medidas necessárias para se proceder a uma análise mais actualizada do papel dos "mass media", tendo em atenção todos os argumentos pertinentes invocados neste debate.

Fundação Cuidar o Futuro

